

## Mensagem 100

Paris, 6 de Julho de 2006.

### Sobre o fenómeno *Swadhyay*.

Isto é *Adhyaatma*. Geralmente a palavra “*Adhyaatma*” é traduzida por “espiritual” e o leitor deixa-se arrastar pelo pervertido entendimento esotérico da palavra, de acordo com os seus dados e ideias adquiridos no passado. *Adhyaatma* é *Adhya+atma*. É um clarim que exorta a meditar (*dhyān*) na “alma” (auto-consciência ou “Eu”-dade) de uma forma muito especial, como é indicado pelo ‘a’ antes de ‘*dhya*’. Esta é a mais sagrada sugestão: ‘*dhyata bina dhyān*’, que quer dizer, meditação sem ‘meditador, porque o meditador são as pressões do passado e pretensões, ao passo que meditação é o movimento das percepções (não dos conceitos e conclusões) na presença profunda. ‘*Atma*’ é usualmente interpretada como ‘alma’. Ninguém sabe nada sobre a ‘alma’, tudo não passa de um conhecimento emprestado por terceiros, baseado em vários sistemas de crenças, fornecidos por máfias organizadas (religiões). Se alguém tentar meditar sobre a ‘alma’, terá simplesmente de se disponibilizar para as formações mentais e formulações, imaginações e fantasias, especulações e conjecturas, fornecidas pelas crenças. Portanto, ‘*adhyaatma*’ não é a tão propalada espiritualidade. É ter a energia do entendimento, a qual capacita a ponderar nos conteúdos da consciência, sem o “Eu”, quer dizer, sem qualquer ilusão em se tornar qualquer coisa. *Adhyaatma* ou *Swadhyay* é não pensar dentro do corredor do ‘pensador’ (provocação do passado) e ‘pensamento’ (projectão no futuro). É o movimento de calma e tranquila consciência na imensidão da não dualidade da presença. O pensamento não tem lugar na revelação da verdade, no respeitante à fragmentação designada “Eu” e acerca dos conflitos e penas que gera nos seres humanos. *Swa+adhyay* (= *Swadhyay*) é a consciência meditativa profunda (*adhyay*) na ilusão “Eu” (*Swa*).

*Swadhyay* nada tem a ver com a desesperada tendência de buscar consolação e conforto na rede de preconceitos e ideias acerca da espiritualidade. *Swadhyay*, na verdade, requer um cérebro muito bom, perspicaz, alerta e desperto do movimento dos vários pensamentos que emergem dos conteúdos da consciência separativa. *Swadhyay* não é o permanecer entretido na análise e argumentos, reacções e racionalização. Não é renovar, reconstruir, reajustar, renovar o “Eu” e as suas actividades no campo do tempo psicológico. *Swadhyay* é para se libertar do “Eu”, instantaneamente, reduzindo-o a cinzas imediatamente, no fogo de ver, pelo qual o observador é queimado. A sabedoria e a diligência de ver, sem a dualidade entre o observador e o observado é o fenómeno de *Swadhyay*. Isto tem de acontecer dentro de nós próprios e por e para nós próprios. Não é conformar-se e tornar-se parte do “Eu”, o “me”, depois de ouvir um falso sermão de uma “pessoa espiritual” com uma veste e aspecto peculiares, ostentando títulos como Bispo ou *Swami*, que proclama expressões estafadas como, “auto-estudo”, “busca pessoal”, “auto-conhecimento”, “conhece-te a ti mesmo” e por aí adiante. Então, alguém invoca um “Eu mais elevado” que olha para baixo, para o “eu inferior”, tentando controlar ou ser conivente! E considera-se isto um grande processo “espiritual”! Porém, o “Eu mais elevado” é o “Eu mais baixo”, o ‘santo’ é o ‘pecador’! Não existem dois! O “Eu” mais elevado é projectado para cima pelo “Eu” inferior, noutra caprichosa fragmentação. O “Eu” inferior, ele próprio, é uma fragmentação fictícia do campo básico dos conteúdos da consciência, a qual, por sua vez, está cheia de toda a espécie de fragmentação. Todo o circo pode ser visto e percebido, num relâmpago, e extinto de imediato. Conceder tempo é cair na armadilha do “Eu” e no seu mecanismo protector que é sempre tolerante nos seus jogos astuciosos de dar continuidade a si mesmo, de formas tão imprevisíveis.

Contudo, o cérebro tornou-se estúpido e atrofiado e, ele, inadvertidamente, introduziu a componente tempo, devido ao condicionamento passado, e, assim, os condicionamentos da mente são promovidos com o “Eu” escondido atrás. Eis a razão porque atrás se disse que *Swadhyay* exige um cérebro muito perspicaz, não corrompido pela imitação & conformidade, nem por seguir um “Guru” imbecil do mercado espiritual. Um tal cérebro arguto, nega imediatamente a mascarada ilusória, como “Eu”, sem um negador! Ele constata que até mesmo o negador pode ainda ser uma parede do “Eu”, o qual poderá nunca vir a ter a sabedoria do não-“Eu”. A ideia de não-“Eu” não é não-“Eu”, mas ainda outro “Eu”. O esforço para negar o “Eu”, é construir um novo “Eu”. Esforço e tempo muito úteis no mundo técnico, em que sujeito e objecto são diferentes, são completamente imprestáveis no campo psíquico, porque sujeito, aqui, também é o dar.

**SWADHYAY TRANSPORTA-NOS DA MENTE PARA A VIDA, DOS  
EMPREENHIMENTOS PARA O ENTENDIMENTO, DA SEPARAÇÃO PARA O  
SAGRADO, DO EU PARA O ESPÍRITO, DO EGO PARA A ESSÊNCIA, DO INTELECTO  
PARA A INTELIGÊNCIA, DA DUALIDADE PARA A DIVINDADE, DAS CRENÇAS  
PARA AS BENÇÃOS, DO CONCEITO PARA A COMPREENSÃO, DA REACÇÃO PARA  
A RESSUREIÇÃO, DO MEDO PARA A LIBERDADE, DA VAIDADE PARA A  
VERACIDADE, DE *CHITTA* PARA *CHAITANYA*.**

**OBRIGADO SWADHYAY**